

Quo Vadis, PMDB?

Para onde vai o PMDB é uma indagação de duplo sentido: 1) para onde irão os líderes/caciques e os eleitores do PMDB depois de amanhã, quando dentro da cabine da Justiça eleitoral escolhem seu candidato à Presidência da República; e 2) para onde vai o PMDB como partido político de 1990 em diante? Nenhuma das duas perguntas é fácil de responder de imediato.

Como herdeiro da tão sofrida oposição política ao regime militar (14 anos) do MDB em 1980, o PMDB já nasceu desfalcado e dividido. Como o PTB, fortalecido após as eleições de 1962 e ameaçando se tornar um grande partido mobilizador das massas, após as eleições de 1974 e 1978, o então MDB caminhava na mesma direção, com uma grande diferença. Em 1962-64, o PTB atuava num sistema pluripartidário, digladiando com outros dois grandes partidos (PSD e UDN), um bem organizado e crescente PDC, e ainda os livre-atiradores do populismo (Ademar de Barros e Jânio Quadros). No período 1974-1979, o MDB era o único partido de oposição ao regime militar (oposição consentida), e aglutinava todos os descontentes com os governos Geisel e Figueiredo. Por isto, como em 1965 (AI-2), em 1980 se fez uma "reforma" no sistema partidário.

Em 1965-66, extinguiu-se o sistema pluripartidário (13 partidos) e criou-se uma bipolarização — Arena e MDB. A Arena, com a ajuda de uma sequência de casuísmos conseguiu eleger majorias no Congresso Nacional para dar sustento ao regime militar nos pleitos de 1966 e 1970. Nas palavras do seu presidente, o deputado Francelino Pereira, se tornou "o maior partido do Ocidente". Porém, este bipartidarismo após a grande enxurrada de votos oposicionistas em 1974, se tornou uma "camisa de força" para o regime, onde os favoráveis aos militares votavam Arena e todos os contra votavam MDB, ao invés de votar em branco, como protesto, como foi o caso em 1970. O MDB obteve uma maioria absoluta (50,1%) dos 23.493.000 votantes na eleição majoritária para o Senado Federal em 1974 — quase o dobro dos 28,6 por cento obtidos em 1970. O sistema sentiu e editou o famoso Pacote de Abril em 1977, para garantir a supremacia da Arena no pleito de 1978.

Com a posse do governo Figueiredo, e a continuação do general Golbery na Casa Civil, foram aproveitados rachas internos no bipartidarismo, tanto na Arena quanto dentro do MDB, para extinguir

ambos em fins de 1979 e permitir que se realinhasse em 1980 um "pluripartidarismo moderado" com seis e depois, em 1982, cinco partidos. Nesta jogada, o MDB, que tinha 214 parlamentares no Congresso Nacional, foi reduzido à metade como PMDB, que ficou com 111 parlamentares — perdeu 25 para o PDS, 46 para o Partido Popular, 23 para o PTB/PDT e 06 para o PT; e recebeu apenas 04 da ex-Arena.

Com a reintegração do Partido Popular ao PMDB em fevereiro e as eleições gerais em novembro de 1982, o PMDB recuperou a sua posição com 221 parlamentares em 1983, e elegeu nove governadores estaduais. Isto constituiu a primeira onda de "penetração" do PMDB por forças políticas oriundas do esquema de apoio aos regimes militares (Arena).

A segunda penetração, ou melhor "inchaço", do PMDB por ex-integrantes da Arena e PDS ocorreu nos primeiros 18 meses da chamada Nova República. Em julho de 1986, nas vésperas da eleição da Assembleia Nacional Constituinte, o PMDB contava com 246 adeptos no Congresso. Esta eleição colocou o PMDB em posição de maioria absoluta na ANC, com 305 constituintes, inicialmente; e rendeu uma vitória esmagadora para governador (todos, menos o pequeno Sergipe).

Na Constituinte, o PMDB rachou-se de vez com a articulação do Centrão e depois, como consequência o êxodo dos Tucanos e a formação do PSDB, em junho de 1988.

As eleições municipais de 1988 mostraram que não seria bem assim, e mesmo na reta final da campanha, em outubro e novembro de 1988, a maioria das prefeituras pediu, pelo amor de Deus, para o Dr. Ulysses não aparecer nos seus palanques, para "ajudá-los". Embora o PMDB tenha "faturado" na maioria das prefeituras municipais em 1988 (inclusive a maioria dos "grótescos"), perdeu feio nas 100 cidades maiores, onde se encontra a maioria dos eleitores. De 77 destas prefeituras que o partido controlava em 1988, passou para 21 em 1989. Os búzios já foram jogados.

Divididos entre moderados-Centrão, autênticos-históricos e ulysistas, o PMDB recusou realizar uma eleição prévia para escolher o seu candidato à Presidência, e na convenção nacional do partido, escolheu a chapa Ulysses-Waldir, embora uma maioria talvez preferisse o governador Orestes Quércia. O PMDB, assim, foi para as urnas de-

vidamente "cristianizado".

Agora, a dois dias da eleição presidencial, para onde irá esta maioria dos líderes políticos (governador, ministros, senadores, deputados, prefeitos e vereadores)? Sem dúvida, apenas uma pequena minoria ainda apoiará o Dr. Ulysses até o fim. Observamos, nestes últimos 15 dias, gestões frenéticas por parte de articuladores das campanhas de Covas, Brizola, Collor e até Lula para garantir seu quinhão do espólio do PMDB.

Sem contar os políticos peemedebistas que já debandaram para a campanha collorista há meses, tudo indica que o restante se dividirá entre Covas, Brizola e Lula, nesta mesma ordem decrescente; que poderia ser a mesma ordem dos eleitores do PMDB, tendo em vista os índices de rejeição e segunda-preferência atribuídas a estes três candidatos pela **DataFolha**. É possível, que esta "migração" de última hora, decidirá a sorte destes três candidatos — qual irá para o segundo turno?

Mas, afinal, como ficará o PMDB de 1990 em diante? Quem tentará "juntar os cacos" do partido? Quais "cacos" estarão dispostos a serem "juntados" sobre o comando deste "grande líder"? Tudo indica que esta pessoa já foi auto-escolhida — o governador Orestes Quércia — que ambiciona reorganizar e fortalecer o PMDB nacionalmente nos pleitos de 1990 e 1992, para se lançar candidato à Presidência da República em 1994. Assim agindo, implodiu as tentativas de outros colegas governadores de costurar um acordo com o PSDB para apoiar Mário Covas agora em 1989.

Se os líderes dos moderados-Centrão aceitarão esta liderança de Quércia é outra estória. Sem dúvida, a maioria dos autênticos-históricos não a aceitariam. Assim, concluímos que estas tentativas de Quércia poderiam rachar definitivamente o PMDB.

Finalmente, o destino do PMDB em 1990 depende muito de quem for o próximo Presidente da República, e se vai incluir o PMDB (ou parte do PMDB) na sua coligação de governo. Desta coligação podem sair alguns personagens capazes de desafiar a liderança de Quércia em 1990. Por outro lado, conforme os resultados eleitorais em 1990, podem surgir novas lideranças coligadas com o PMDB (governadores etc.) em outros estados, para reverter o partido, tornando-o mais pluralista, em termos ideológicos e regionais.